

MUNDARÉU  
UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA

Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Episódio 2  
Quando samsara é nirvana e nirvana é samsara  
09/12/2019

Legenda:

Blocos

Sonoplastia

Extras

## ABERTURA

Música de abertura do Programa: “Quem canta” de Tatá & Danú, apenas o trecho instrumental, clima alegre. A música fica, como pano de fundo, ao longo de todo o bloco de Abertura.

**Daniela:** Olá, pessoal, esse é o Mundaréu, um podcast de Antropologia. Eu sou Daniela Manica, antropóloga e pesquisadora da Unicamp...

**Soraya:** E eu sou Soraya Fleischer, antropóloga e professora da Universidade de Brasília.

**Daniela:** Esse é o segundo programa do Mundaréu. Pra quem tá chegando hoje, nessa temporada estamos recebendo sempre uma dupla, um antropólogo e sua interlocutora. Como essa dupla se conheceu, se encontrou e passou a trabalhar junto? Como fazer pesquisa sobre a pesquisa alheia? Como fazer pesquisa sobre o fazer científico? E quando essa ciência se produz a partir de rezas, chás, mandalas, mantras, práticas de respiração, visualização e meditação?

[Fim da música]

**Soraya:** Hoje, vamos conversar com Marina Sena, quiroprata, instrutora de ioga e mestranda na Faculdade de Medicina da USP. E vamos conversar também com Rodrigo Toniol. Antropólogo, professor de Antropologia aqui da Unicamp e que vem pesquisando essa equipe da qual Marina faz parte lá na USP, que tem médicos, psiquiatras e também terapeutas interessados em entender uma relação muito específica, a relação entre saúde e espiritualidade. Vamos conhecer mais as chamadas Práticas Integrativas e Complementares, as PICS, cada vez mais comuns em consultórios particulares e também dentro do Sistema Único de Saúde. sobre [Música de transição ao Bloco 1 começa]

## BLOCO 1: Da ioga à USP, conhecendo trajetórias

Música instrumental de meditação e ioga, com elementos que remetem ao som da água, como numa chuva ou cachoeira.

**Daniela:** Marina, quando você começou a perceber que a espiritualidade pode ter um efeito na saúde?

**Marina:** Foi durante as práticas de Yoga, as aulas que eu ministrava. Um caso muito especial pra mim de um aluno que já vinha praticando e... seguindo né toda a didática do que é uma prática de Yoga, com posturas, práticas respiratórias, prática de meditação. Ao término da aula ele ficou em silêncio e com olhar distante. E depois ele começou a falar comigo com outro tom de voz, dizendo como as coisas pequenas ali pareciam tão grandes. Como cada vez que ele inalava, parecia que aquilo trazia algo que ele nunca antes tinha sentido, como se ele não tivesse respirado até então, até aquele momento. Então as coisas foram ganhando um outro significado. [Música termina]. A partir daquela experiência, em que as coisas do dia a dia ganharam um outro significado, uma outra amplitude e foram trazendo uma sensação de bem estar, de paz interior, que são pontos associados a saúde mental. Então isso foi trazendo uma, um questionamento de qual que era essa espiritualidade, qual era a experiência na verdade que ele tava vivenciando ali, e que vai além do da prática corporal ou de uma prática de atenção como a gente pode reduzir muitas vezes as técnicas do Yoga.

**Soraya:** Marina, você nos contou que, estudando a cultura hindu, você se deparou com a frase que adotamos como título desse programa: "samsara é nirvana e nirvana é samsara". Você pode contar pra gente o que é que isso quer dizer?

**Marina:** Samsara se refere às ações que nós temos no dia a dia, as relações com o meio material, e nirvana é o estado de iluminação, de transcendência, de ressignificação, de si mesmo e das coisas. Então, como se esse estado de iluminação ele não precisasse acontecer distante da rotina que temos no dia a dia. Que foi exatamente o que esse aluno vivenciou, então naquele momento houve esse chamado, então vamos estudar a espiritualidade que a prática pode trazer, ou que outras práticas, não só a prática do Yoga pode trazer. Além né, do relato que nesse aluno específico, tinha uma queixa de dor crônica, de fibromialgia, e com as práticas essa dor foi diminuindo, ele teve uma melhora de um quadro clínico físico debilitante, foi isso.

**Daniela:** Partindo dessa história que seu aluno vivenciou e da sua vontade de estudar, de pesquisar, se aprofundar, como você construiu a sua trajetória?

**Marina:** Eu sou graduada em Quiropraxia, pela Universidade Anhembi Morumbi, e quando eu fazia a graduação, eu fiz um curso técnico de Yoga, formação em Yoga e Yogaterapia. Então eu fui agregando os conhecimentos técnicos da Quiropraxia, com a vivência corporal que o Yoga tava me trazendo. Logo que eu saí da graduação, eu já estava dando aula de Yoga, então eu segui pr'uma pós-graduação em psicomotricidade e a partir daí eu fui vivenciando com os alunos, o quanto que o corpo pode trazer experiências significativas, que agregassem e mudassem a relação que eles tinham com

as coisas do cotidiano, trazendo ressignificados. Em um desses momentos, é..., eu fui percebendo quanto que a [ênfase] experiência da prática do Yoga, da prática corporal estava atrelado a espiritualidade, isso me levou então a buscar mais sobre o conceito de espiritualidade e a relação que isso tinha com a saúde. Então hoje eu faço mestrado na, no Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP, com o tema de espiritualidade e saúde.

**Daniela:** Há outras pessoas pesquisando essa dobradinha, espiritualidade e saúde, como esse nosso colega antropólogo aqui. Rodrigo Toniol é, como ele mesmo se definiu, um “paulista não praticante”. Ele nasceu aqui em São Paulo, mas toda a formação dele – graduação, mestrado e doutorado – foi feita na UFRGS, em Porto Alegre. Qual é o seu interesse, Rodrigo, nessa discussão sobre espiritualidade e saúde?

**Toniol:** A pesquisa que eu tenho feito é sobre a relação entre saúde e religião. Esse é um tema clássico da antropologia, a antropologia teve sempre muito interessada, é, nas práticas populares de atenção à saúde, como é o caso das benzedadeiras que estão nas grandes cidades, ou no uso mesmo de chás, ervas, emplastos em rituais. É..., o que eu proponho com essa pesquisa é uma espécie de virada, a gente deixou de olhar para esses casos mais populares e clássicos e foi olhar para essa relação entre religião, saúde, espiritualidade no campo da medicina oficial. Então a gente se voltou pros hospitais, pros departamentos de medicina das faculdades federais e passou a olhar pra como que esse tema da espiritualidade e da religião tá presente nesse universo. Aí a, a minha sensação, foi de que a gente abriu uma espécie de caixa de Pandora, porque quando a gente começou a olhar pra isso a gente descobriu que ao longo dos últimos 40 anos tem uma grande intensificação do interesse de médicos pelo tema da espiritualidade. E a gente percebeu que esse é um fenômeno global. Então, em universidades americanas, em universidades europeias e também aqui no Brasil tem uma intensificação no interesse desse tema, é... nesse contexto oficial de saúde.

**Soraya:** Marina, eu queria te perguntar se você já sabia alguma coisa desse antropólogo antes e qual foi a sua primeira impressão com a chegada dele em campo. Quando ele chegou nessa equipe de vocês lá na USP.

**Marina:** Nós nos conhecemos dentro do Instituto de Psiquiatria, no Hospital das Clínicas, dentro de um projeto do programa de religiosidade, espiritualidade e saúde onde o objetivo era estudar a religiosidade de idosos que frequentavam o serviço de psiquiatria. Ali nós fazíamos um levantamento, utilizando uma escala sobre qual era a religiosidade desses pacientes. E também tinha uso de uma das técnicas alternativas, integrativas que são as oficinas de Mandalas, que aconteciam também com alguns pacientes. Nesse contexto, que eu conheci o Rodrigo e eu não o conhecia antes. É... me lembro dele chegar, uma tarde, era as segundas-feiras que isso acontecia, e ele chegar com um caderninho e a apresentação foi que ele estava ali pra nos estudar, estudar quem estava estudando os pacientes, né. Então foi uma.. uma surpresa e... gerou um certo desconforto né, como assim a gente vai ser cobaia agora? Uma sensação de um ratinho, então, esse foi o primeiro contato que nós tivemos .

**Soraya:** Então eu queria saber do Rodrigo, como ele conheceu a Marina, se foi dentro

de alguma dessas equipes médicas que ele tem acompanhado?

**Toniol:** Em 2016 eu comecei a acompanhar o cotidiano do Instituto de Psiquiatria. E lá eu ficava a semana inteira vendo as pesquisas que estavam sendo elaboradas, os projetos de pesquisas que estavam sendo pensados, e uma delas me chamou bastante a atenção, um ambulatório de gerontologia do Instituto de Psiquiatria estava pra começar uma pesquisa sobre o uso das preces e das rezas por esses pacientes. Os médicos então, e pesquisadores tavam interessados em, em usar uma série de instrumentos como questionários em escalas de religiosidade nesses pacientes. O que eu fiz então foi começar a ajudar esses médicos depois de ter sido convidado por eles pra aplicar esses questionários, e foi aí que eu conheci a Marina. Então, aplicando os questionários com os pesquisadores que eu também tava pesquisando.

**Soraya:** Então vocês iam juntos com prancheta e questionário ali, com caneta, entrevistando pacientes, conversando com eles?...

**Toniol:** Exatamente, a gente ficava ali na sala de espera, e tínhamos um dos consultórios que a gente usava, com a prancheta, com a caneta, conversando depois sobre as nossas impressões daqueles pacientes, sobre as falhas no questionário, sobre o que podia funcionar, sobre o que podia melhorar e sobre o que a gente ia fazer com aquela pesquisa dali dois anos.

**Daniela:** Marina, você disse que se sentiu desconfortável quando conheceu o Rodrigo porque ele chegou pra estudar vocês, que isso te deu uma sensação de ser uma cobaia, né. É... essa sensação mudou com o passar do tempo e conforme você foi conhecendo o Rodrigo?

**Marina:** Sim, mudou porque, hm, inicialmente houve aquela impressão que teria um olhar muito duro daquele que analisa né, no caso que seria o Rodrigo ali, mas o tempo foi passando e eu fui percebendo que na verdade ele tinha um olhar super generoso e aberto pro que tava acontecendo ali e não um olhar, um olhar de julgamento, então ele não tava catalogando, categorizando. Ele simplesmente tava ali observando e estando aberto pra nossa realidade. Então deu espaço pra gente continuar simplesmente sendo aquilo que a gente era na nossa dinâmica ali com os pacientes dentro do nosso grupo.

**Toniol:** Exatamente. De alguma maneira eu fui super bem recebido, e também queria retribuir a minha participação e a minha acolhida naquele espaço. Então eu fui convidado, em alguns momentos, pra apresentar minha perspectiva sobre a categoria espiritualidade, sobre o que significa religião, e dei algumas palestras, fiz algumas falas. O que aconteceu foi que, nessas palestras, nessas falas, embora eu tivesse tentando apresentar a partir de uma perspectiva antropológica, isso não era exatamente o que eles esperavam, e aí a gente criou uma espécie de distanciamento entre a minha perspectiva daquilo que significa espiritualidade e religião e a perspectiva que eles imaginavam que eu poderia oferecer sobre espiritualidade e religião. Esse gap, esse distanciamento que a gente criou durou alguns meses, eu tentando me reaproximar, entender qual que era aquela conversa, qual que era a minha possibilidade de entrar naquela conversa até que, é, uma reaproximação aconteceu por um fato muito

inusitado. Eu publiquei um artigo numa revista chamada Anuário Antropológico, um periódico importante na área. E pra minha surpresa um dos meus interlocutores leu o texto e me ligou. Um médico importante no campo da saúde e espiritualidade. Me ligou dizendo que tinha adorado aquele artigo, e que fazia muito sentido pra ele aquela conversa, e que inclusive ele ia divulgar na rede dele. Então tem esses dois momentos, um primeiro distanciamento, e depois um reencontro em um campo, em um lugar, em uma zona de diálogo muito inesperada pra mim.

**Daniela:** Como que você apresenta sua pesquisa pras pessoas da psiquiatria, do seu campo de pesquisa.

**Toniol:** Tentativa e erro né. É, como muito da prática antropológica quando você já se apresenta como antropólogo vem aquela pergunta, “Antropolo o que”? E aí, quando essa pergunta aparece, eu tento sempre explicar o que é antropologia naqueles termos gerais, mas muitos difíceis de serem entendidos mesmo porque, o escopo é amplo, e aí o que, a saída que eu encontrei que tenho tentado explorar é dizer que o que eu quero fazer é uma espécie de história da ciência, uma espécie de história da ciência sobre aquele campo da relação entre espiritualidade e saúde. E com o tempo é claro, as pessoas vão entendendo qual é essa história da ciência muito particular que eu posso fazer e que eu posso contribuir, é.. naquele campo.

Música de transição para o Miolo. É uma música meditativa instrumental, relaxante e com elementos suaves.

## **MIOLO**

**Daniela:** Toda vez que a gente faz pesquisa na Antropologia, a gente tem que descobrir como chegar perto do grupo que a gente quer conhecer, como fazer para que permitam ou possibilitem a nossa presença como pesquisadoras. O Rodrigo acabou de comentar que estava “tentando se aproximar, tentando entender qual que era aquela conversa, qual era a possibilidade de entrar naquela conversa sobre religião e saúde, conseguir uma reaproximação” . Isso é muito comum na nossa área.

[Fim da música]

**Soraya:** A gente até pode, de antemão, ter algumas ideias em mente. Imaginar, assim, algumas possibilidades de aproximação, de entrada. Mas vai depender de como a gente se apresenta e como eles interpretam essa nossa apresentação. O Rodrigo, por exemplo, se aproximou de um grupo de pesquisadores, que eram médicos e cientistas que trabalham numa universidade e no ambulatório do hospital universitário. E aí, então, o, o Rodrigo propôs que queria estudá-los. E, pelo fato de ser também um pesquisador, de conhecer o cotidiano, né, de uma pesquisa científica, isso fez com que ele fosse convidado para participar ativamente da pesquisa que estava acontecendo ali naquele ambulatório de gerontologia.

**Dani:** É, ele foi conhecer o grupo fazendo o que eles faziam, que era pesquisa científica. Apesar do Rodrigo ser um antropólogo, que é um tipo meio desconhecido de cientista

(o cientista social), eles acharam uma forma de ele entrar nesse ambiente também como pesquisador.

**Soraya:** E o que realmente deu certo né, Dani?! Eu acho que foi fazer pesquisa junto com eles e, depois, mais importante foi ter um artigo científico publicado e [ênfase] lido por eles. Quer dizer, o Rodrigo precisou mostrar resultados de pesquisa para ser notado, reconhecido e também aceito por esse grupo. Isso é muito interessante, eu acho. Ele se apresentou como cientista, integrou essa equipe de cientistas e propôs [ênfase] “contar a história” dessa ciência. Essa ciência, que tá estudando espiritualidade e saúde.

**Daniela:** É.. contar histórias faz parte do trabalho de escrita antropológica. Contar histórias de pesquisa... pensar, escrever sobre esses acontecimentos... E é interessante que, depois dos estranhamentos iniciais, dos dois lados, interlocutor e antropólogo vão entendendo o que cada um espera um do outro, e como cada um trabalha. É muito bacana quando a Marina conclui: “Aí, deu espaço pra gente continuar simplesmente sendo aquilo que a gente era antes de o Rodrigo chegar”. E o Rodrigo diz, “Depois, a gente ficava ali no consultório que reservaram para a pesquisa, conversando sobre as nossas impressões, sobre aqueles pacientes, sobre as falhas nos questionários, o que podia funcionar, o que podia melhorar e o que a gente ia fazer com aquela pesquisa dali a dois anos”. Os dois partem de estranhamentos mútuos pra chegar nesse ponto de planejarem em como escrever, juntos, sobre os resultados daquela pesquisa que eles estão fazendo.

**Soraya:** O fato da pesquisa em Antropologia envolver muita observação, de a gente chegar olhando tudo, perguntando um monte de coisas, pode despertar uma sensação de que a gente vai analisar, julgar e até criticar o que o outro faz. A Marina comenta disso né, Dani?! E, de quebra, as pessoas não sabem o que é Antropologia, o que que uma antropóloga faz. Então, junta essa pouca familiaridade com a nossa área, é, com uma metodologia de pesquisa que é mais aberta, e que não envolve necessariamente entrevistas gravadas ou questionários de marcar X né [ênfase], mas também conviver com as pessoas nos seus “mundos”, do jeito que elas são.

**Daniela:** Isso mesmo. A Marina comentou que a relação com o Rodrigo vai virando uma parceria, e ele vai ficando mais e mais próximo do grupo. Hoje, ele tem espaço para colocar outras questões sobre o fazer científico, sobre os limites das mensurações e dos instrumentos de pesquisa convencionais, e ele já tá até colaborando na escrita de artigos com esses pesquisadores, então ele se tornou um co-autor. É todo um olhar das Ciências Humanas que se integra à área das Ciências Biológicas. É uma experiência multidisciplinar.

**Soraya:** E Marina também comentou conosco, na fase de produção desse programa, que a espiritualidade é uma abordagem para pensar o sofrimento pra além da doença, pra além da patologia. Contar somente com um olhar clínico essa doença, essa patologia, não estava sendo suficiente. O sofrimento daquele paciente pedia por outras habilidades, por outros olhares mais atentos. Por isso eles falam das PICS, né, as Práticas Integrativas e Complementares, é bem isso mesmo.

## BLOCO 2: Estranhamento como ferramenta antropológica

A música desse Bloco 2 é meditativa instrumental, com algumas batidas, chocalhadas e barulhos de água caindo.

**Daniela:** A gente tá falando não apenas de como o antropólogo faz a pesquisa dele, mas também de como essa equipe da USP faz pesquisa científica. Como tem sido essa experiência de pesquisar saúde, ciência e espiritualidade?

[Fim da música]

**Marina:** Enquanto fazíamos o estudo no grupo de geriatria, uma das pacientes que participou do projeto da intervenção com mandala teve uma resposta peculiar. Esses pacientes eles respondiam dois questionários, um que avaliava a religiosidade e a espiritualidade no aspecto geral e um outro questionário que era sobre as experiências espirituais. Quando essa paciente chega ao nosso grupo, ela tem uma pontuação muito **[ênfase]** alta, como uma religiosidade e espiritualidade bem desenvolvidas né, e depois quando ela passa pelas oficinas de mandalas que eram conduzidas por uma psicóloga que fazia parte do grupo... Uma das vivências que ela propunha era pra que a pessoa visualizasse que ela estava caminhando, percorrendo um caminho e se deparava com um montanha. Ela subia essa montanha e lá no alto ela encontrava um ser muito sábio. E esse ser falava coisas pra ela, ela observava com atenção, e depois fazia o caminho de volta. Quando ela retornava, aí sim a proposta era fazer um desenho da mandala, baseada nessa experiência, dessa visualização, desse contato que a pessoa teve. E essa paciente, depois de passar por algumas oficinas como essa, refez a escala de experiências espirituais, e ela pontuou muito baixo. E... pensando, refletindo sobre o caso, o que nós notamos é que essas experiências, essas práticas integrativas, elas podem trazer pro indivíduo, um contato com a própria religiosidade, espiritualidade que antes ele achava que já estava estabelecido mas não tinha o processo de reflexão. Então, foi uma experiência que nos surpreendeu, um resultado diferente, que não necessariamente essas práticas vão aumentar a religiosidade e a espiritualidade do paciente, mas vão trazer um outro espaço de diálogo, dele com ele mesmo, sobre como ele vivencia esse contexto.

**Soraya:** Ai, eu adoro essa história **[risos]**. Você também se lembra de alguma história desse campo da espiritualidade, Rodrigo? Assim, uma história que tenha dado um nó na cabeça dos pesquisadores, que foi difícil de compreender?

**Tonio!** Eu tenho um grupo grande de orientandos, um grupo grande de alunos que me acompanha em uma série dessas tentativas de aproximação do campo da saúde na sua interface com a espiritualidade. Numa dessas caminhadas, numa dessas aproximações, foi um grupo alunos enorme pra Porto Alegre, pra um evento que era um encontro Holístico Nacional, um encontro de terapeutas holísticos. Chegando lá, nesse grupo de estudantes, nesse grupo de alunos tinha vários que era, eram, que são adeptos dessas práticas, que têm interesse, que usam isso no seu cotidiano. E um em particular, é um estudante de iniciação científica que faz uso cotidiano da prática da cerimônia do chá.

Chegando no encontro holístico nacional, uma das atividades que tinha era uma grande feira de exposição das práticas terapêuticas. Uma feira de exposição das práticas terapêuticas também significa uma comercialização dessas práticas. E o Lucas ficou absolutamente incomodado com aquele tipo de uso dessas práticas, que pra ele são tão importantes no seu cotidiano sendo comercializadas. O que eu percebi ali com esse estudante foi como que a pesquisa tava mobilizando ele de uma forma que não era só pelo interesse da curiosidade que move a ciência, mas é também a curiosidade que transforma o seu próprio modo de ver o seu mundo, o mundo que você vivencia. Esse estranhamento, então, é carregado por uma visceralidade, por uma intensidade muito, muito absoluta e que não pode ser reduzida, a um procedimento metodológico.

**Soraya:** Como você nos disse antes, isso tudo “bateu no espírito dele”, né, foi uma expressão que você usou. A Antropologia acaba estudando não apenas a espiritualidade encontrada entre os frequentadores do HC na USP, mas também entre os próprios pesquisadores da sua equipe.

**Toniol:** Quando ele chega então em Porto Alegre e vê essa feira, aquilo que era da ordem do sagrado, aquilo que era da ordem do intocável, ele vê de uma maneira profanado na feira, sendo exposto de uma maneira que ele, que o atinge muito visceralmente. Passada essa experiência, a gente volta pra Campinas e quando a gente volta pra Campinas ele pede pra mim um tempo. E fica um mês elaborando isso, encontrando seus próprios colegas nas cerimônias do chá e tentando acomodar todas essas histórias que ele vivenciou no seu trabalho de campo. Depois desse um mês, com muito engajamento dele, a pesquisa que ele tava executando passou a deslanchar. Porque ele reenquadrou a sua própria experiência, a partir daquela experiência na qual ele foi visceralmente mobilizado. Bom, então esse é o tipo de situação que nos mostra como a antropologia coloca os próprios pesquisadores em contato direto e intenso com o seu campo, e que isso faz com que a gente pense não só sobre o campo, mas também sobre nós mesmos.

**Daniela:** Eu gostaria de perguntar pra vocês então, como que vocês interpretaram essas alterações que aconteceram durante as pesquisas de vocês? Acho que tanto a Marina quanto o Rodrigo falaram um pouco disso, mas eu queria perguntar especificamente pra Marina se houve algum questionamento, é... do próprio método de medição da escala de espiritualidade, a partir dessa mudança. Teve alguma discussão interna no grupo, que pôs em questão, é..., a escala, o método.

**Marina:** Sim, é... Quando a gente pensa nas experiências espirituais, as escalas que nós estávamos utilizando eram escalas quantitativas, por meio da pesquisa. E as respostas elas são fechadas, você tem que pontuar de acordo com a intensidade da experiência, dar notas. E nós observamos que a experiência do indivíduo, ela, talvez ela não se enquadre tão facilmente nesse tipo de instrumento. Que pra gente ter um olhar pro que é a espiritualidade, é interessante fazer um olhar tanto qualitativo quanto quantitativo. Que você consiga pegar o discurso, a fala, a história, a narrativa e também o olhar pro quantitativo, pro numérico e casar as duas coisas, juntar esses dois aspectos, porque se não fosse o contato que nós tivemos com a paciente, a gente não conseguiria ler simplesmente as escalas, a gente não conseguiria colocar o resultado que essas escalas

nos deram, dentro do que foi realmente a experiência que ela viveu.

**Toniol:** Experiências como essa, fizeram com que o grupo pensasse como que a antropologia tem o seu método, tem a sua forma de escrita, tem a sua forma narrativa. Mas ela pressupõe, e é isso talvez a sua grande contribuição, um encontro com grupos, um encontro com uma alteridade, um encontro com outros que nos desloca e nos desloca de uma maneira absoluta. Isso não é um processo que compromete, mas pelo contrário é um processo necessário, para a própria elaboração, pra própria descrição, pra própria feitura do método etnográfico.

**Soraya:** O quê que foi aprendido nesse processo, nesse encontro profissional entre uma quiroprata trabalhando com espiritualidade e um antropólogo pesquisando isso?

**Toniol:** Acho que vou falar dos alunos.

**Soraya:** Tá bom.

**Toniol:** É... Porque, eu fiz um trajeto nessa pesquisa, que foi entrar via esse grupo de pesquisa já estabelecido, no HC, e agora vendo os alunos percorrendo seus próprios trajetos, eu vejo como eles encontram outros caminhos, e encontram outras Marinas também pelo seu caminho, encontram outros aliados importantes no seu campo. Encontram outros interlocutores que os levam pra diálogos, pra conversas, pra conceitos, pra debates que são diferentes daqueles que eu tracei, mas que ao mesmo tempo são absolutamente fundamentais para o processo de elaboração e de desenvolvimento das pesquisas deles. E nesse caso, a Marina não é o meu ratinho de laboratório, mas pelo contrário, a Marina é aquela que caminha comigo em direção ao lugar que nem eu e nem ela sabemos exatamente onde é. Mas que o encontro talvez seja aquilo, que tenha de mais, de mais rico nessa relação. O interessante então de ver com um grupo de jovens pesquisadores, é que cada um encontra o seu próprio encontro e desses encontros a gente estabelece uma conversa sobre como nós nos encontramos com outros nesse trabalho de campo.

**Marina:** Pensando nos encontros, é... a primeira sensação que me dá é quanto que esses encontros precisam acontecer mais vezes, o quanto que isso soma de um jeito que foge da escala, como nós comentamos. E... a experiência que esse grupo, que estava estudando os idosos, teve com a chegada do Rodrigo, eu acho que foi trazer principalmente a reflexão sobre a nossa própria identidade de grupo. Nós provocamos a reflexão, mas e nós enquanto profissionais? Então, eu acho que esse lugar de se auto-observar, pra aí sim perceber que tem um crescimento quase que em espiral, que só acontece realmente quando nós nos permitimos a esse encontro que tem que ter uma porosidade, tem que ter uma permeabilidade, senão perde o sentido, assim. Então eu identifico dessa forma como algo que, um encontro que enriqueceu muito a equipe e enriquece até hoje e com o desejo de que isso possa continuar e só aumentar.

## FECHAMENTO

Música de fechamento: “Quem canta” de Tatá e Danú, outro trecho, agora com a música

em primeiro plano, samba com voz feminina que canta.

“Pega uma ponte, uma ponta, uma pauta, uma balsa, uma valsa  
vá descalça  
pro quintal lá de casa

pega uma ideia, boleia, odisseia, quimera, uma teia  
uma veia...quem dera

eu trago um canto de outro canto  
e só de encanto faço um conto  
encontro e me demoro um tanto  
o tanto onde finco o pé

até que não me importaria  
se não fosse precisão  
essa folia  
se não fosse mansidão  
essa alegria

queria  
muito mais um coco  
muito mais um pouco  
o batuque lá na toca (2x)

[A música segue até o final do episódio, como pano de fundo, com volume diminuído].

**Daniela:** Queremos contar um mundaréu de histórias de pesquisa, partindo da Antropologia. Esse foi nosso segundo programa, “Quando samsara é nirvana e nirvana é samsara”. Pra mim, fica claro como não só na ioga, mas também na Antropologia é justamente no meio das nossas ações do dia-a-dia que brotam os estados de iluminação. A transcendência antropológica acontece na nossa rotina de pesquisa e de vida.

**Soraya:** E pensando sobre Quiropraxia, Psiquiatria, Antropologia, Yoga, mantras e mandalas, a partir das experiências do Rodrigo e da Marina vemos que eles estão navegando por diferentes lógicas acadêmicas e também disciplinares. E que há toda uma variedade de perspectivas dentro da cozinha da ciência e da espiritualidade.

**Daniela:** Sim, há muitas formas de pensar, e de fazer, corpos, saúde, vida e cura. Então é isso, parafraseando a história que a Marina nos contou, muita gente teve que subir a Montanha, ver o que tinha lá em cima e depois descer todo o caminho de volta para esse programa ser concluído. A gente gostaria de agradecer, em primeiro lugar, a Marina e o Rodrigo que vieram de São Paulo para gravar aqui em Campinas. Na Rádio da Unicamp, temos o apoio do Octávio Silva e do Jeverson Barbieri. No LABJOR da Unicamp, contamos com a supervisão de Simone Pallone. E da Bia Guimarães e Sarah Azoubel do *37 graus*, temos recebido apoio e consultoria para amadurecer esse projeto. A equipe do Mundaréu é composta por nós duas, Daniela e Soraya, pelo Vinicius Fonseca e Julia

Couto, estudantes de Ciências Sociais e pesquisadores de Iniciação Científica da Unicamp e da UnB.

**Soraya:** O Mundaréu recebe apoio e recursos do CNPq e do SAE, Serviço de Assistência Estudantil da Unicamp. Quem quiser conhecer mais o trabalho do Instituto de Psiquiatria, que fica lá no Hospital das Clínicas da USP, ou então do projeto de mestrado da Marina, o projeto de pós-doutorado do Rodrigo, podem ir até nossa página na internet. O endereço do nosso programa na internet é: [mundareu.labor.unicamp.br](http://mundareu.labor.unicamp.br). Lá vocês também encontrarão fotos do dia da gravação e outros links para conhecer mais sobre as PICS no SUS. Obrigada pela audiência e até o nosso próximo programa!

**Daniela:** Até!

## EXPEDIENTE

Apresentação: Daniela Manica e Soraya Fleischer.

Produção: Daniela Manica, Soraya Fleischer, Julia Couto e Vinicius Ferreira.

Gravação: Octávio Augusto, Rádio da Unicamp.

Transcrição das entrevistas: Julia Couto.

Montagem e edição do programa: Vinicius Fonseca e Daniela Manica.

Divulgação: Milena Peres e Julia Couto.

Música: “Day 241 Merkabah Activation, Crystal Merkaba Meditation”:

<https://soundcloud.com/19matrix/crystal-meditation>

Transcrição e audiodescrição do episódio 2: Luísa Nascimento.

## MAIS INFORMAÇÕES

- Currículo Lattes de Marina Sena:  
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4414307H0>
- Currículo Lattes de Rodrigo Toniol:  
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4248275A7>
- “Do Espírito na Saúde: oferta e uso de terapias alternativas/complementares nos serviços de saúde pública do Brasil”, para quem quiser conhecer a tese ([https://www.fabex.edu.br/acervo\\_digital/a2.pdf](https://www.fabex.edu.br/acervo_digital/a2.pdf)) e o livro ([https://www.fabex.edu.br/acervo\\_digital/a2.pdf](https://www.fabex.edu.br/acervo_digital/a2.pdf) <https://www.liberars.com.br/do-espírito-na-saude-oferta-e-uso-de-terapial-alternativascomplementares-nos-servicos-de-saude-publica-no-brasil>) do Rodrigo Toniol.
- Artigo do Rodrigo Toniol no periódico *Anuário Antropológico* do Departamento de Antropologia da UnB: “Atas do espírito: a Organização Mundial da Saúde e suas formas de instituir a espiritualidade”:  
<https://journals.openedition.org/aa/2330>

- Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo: <http://ipqhc.org.br/>
- PICS no SUS: <http://saude.gov.br/saude-de-a-z/praticas-integrativas-e-complementares>